

## Fazer, Dizer e Pensar: Comportamentos Operantes Inter-relacionados

### *Doing, Saying, and Thinking: Interrelated Operant Behaviors*

 LORISMARIO ERNESTO SIMONASSI<sup>1</sup>  
 ACZA DA SILVA FERREIRA<sup>1</sup>  
 RENATO VINÍCIUS DE OLIVEIRA<sup>1</sup>  
 JÚLIO CÉSAR ABDALA FILHO<sup>1</sup>

<sup>1</sup>PONTIFÍCIA CATÓLICA DE GOIÁS

### Resumo

Com base nos princípios da literatura operante, o presente artigo propõe discutir a natureza inter-relacionada dos comportamentos de fazer, dizer e pensar. A abordagem do comportamento operante permite uma compreensão abrangente e precisa desses comportamentos, além de fornecer estratégias eficazes para prevê-los e modificá-los. O fazer é caracterizado como um tipo de comportamento em que as consequências são produzidas diretamente sobre o ambiente, ou seja, a ação do organismo é direta. Sua aceitação como comportamento operante foi muito mais fácil. No entanto, o dizer como um tipo de comportamento operante encontrou considerável dificuldade e permanece altamente controverso, sendo definido como um comportamento verbal. No comportamento de dizer, a ação do falante não é direta sobre o meio ambiente físico. O pensar, por sua vez, parece estar correlacionado ao fazer, isto é, mesmo durante a aquisição de repertórios verbais, o fazer e o pensar estão de alguma forma relacionados. A pesquisa empírica experimental destaca a complexidade e interdependência dos comportamentos de fazer, dizer e pensar. O estudo também pode ser útil para pesquisadores que desejam aprofundar sua compreensão da natureza dos comportamentos operantes. As implicações desse tipo de estudo para a análise do comportamento são discutidas, com ênfase na sua contribuição para a pesquisa. O presente artigo contribui para o campo da análise do comportamento ao aprofundar a compreensão da natureza dos comportamentos e suas inter-relações.

Palavras-chave: comportamento operante, correspondência verbal, fazer, dizer, pensar.

### Abstract

Based on the principles of operant literature, this article proposes to discuss the interrelated nature of the behaviors of doing, saying, and thinking. The operant behavior approach allows for a comprehensive and accurate understanding of these behaviors, as well as providing effective strategies for predicting and modifying them. Doing is characterized as a type of behavior in which consequences are produced directly on the organism, meaning the organism's action is direct on the environment. Its acceptance as an operant behavior was much easier. On the other hand, saying as an operant behavior was much more difficult and still controversial, defining it as verbal behavior. In saying behavior, the speaker's action is not direct on the environment. Thinking, in turn, appears to be correlated with doing, meaning even during the acquisition of verbal repertoires, doing and thinking are somehow related. Empirical experimental research highlights the complexity and interdependence of doing, saying, and thinking behaviors. The study can also be useful for researchers who wish to deepen their understanding of the nature of operant behaviors. The implications of this type of study for behavior analysis are discussed, with an emphasis on its contribution to research. This article contributes to the field of behavior analysis by deepening the understanding of the nature of behaviors and their interrelationships.

Keywords: operant behavior, verbal correspondence, doing, saying, thinking.

---

*Nota.* Trabalho apresentado pelo primeiro autor sob forma de comunicação científica em uma mesa redonda intitulada “Pesquisa Contemporânea em Análise do Comportamento Humano Complexo”, tendo como proponente: Emmanuel Zagury Tourinho, Universidade do Pará. II Congresso Norte e Nordeste de Psicologia. 23 a 26 de maio de 2001, Salvador - BA

 lorismario@gmail.com

DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.18542/REBAC.V20i0.16418](http://dx.doi.org/10.18542/REBAC.V20i0.16418)

Há muitos anos a literatura operante tem destacado que o fazer, de uma forma geral, engloba uma quantidade de comportamentos que podem ser controlados pelas consequências que eles produzem. O mesmo tipo de afirmativa pode ser feito em relação ao comportamento de dizer, embora fora da comunidade dos analistas do comportamento essa afirmação não tenha sido bem aceita. Tanto em um caso como em outro, centenas de evidências empíricas estão à disposição nos dois principais periódicos que tratam da literatura operante, ou seja: a) *The Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, e b) *The Journal of Applied Behavior Analysis*.

## O Fazer

A caracterização de um comportamento controlado pelas consequências envolveria outras classes de comportamentos além do fazer e dessa forma precisamos delimitar melhor o que estamos denominando de fazer. Nesse tipo de comportamento, as consequências têm efeito direto sobre quem se comporta, isto é, a ação do organismo é direta sobre o meio ambiente. Não se pode esquecer que as pessoas fazem parte do ambiente e que consequentemente um comportamento de fazer pode ser, por exemplo, o resultado do seguimento de instruções dadas por outra pessoa. Se alguém diz “Ligue a luz” e você segue a instrução, sua ação de ligar a luz é um fazer. O seu comportamento de ligar a luz é direto sobre o meio físico, sem mediação de ninguém. Nesse caso, ligar a luz é um comportamento socialmente controlado de fazer como muitos outros comportamentos sociais. No exemplo dado, o comportamento verbal do falante leva o ouvinte a fazer algo. De acordo com as variáveis controladoras, os comportamentos de fazer são chamados de operantes. Nos restringimos neste texto ao fazer operante (Cunha, 2012; Luna & Marinotti, 2010; Millenson, 1967/1975).

A aceitação do comportamento de fazer como operante ocorreu de forma menos dramática, até mesmo por aqueles que fazem críticas mal fundamentadas e nitidamente seletivas (Kohn, 1992/1998) e que são evidências favoráveis às suas concepções e contrárias à operante. Mesmo nestes casos (Kohn, 1992/1998), não se contestam as modificações produzidas pelas consequências, mas sim os efeitos a longo prazo supostamente atribuídos a elas. É bom salientar que em seu livro, Kohn (1992/1998) enfatiza o fazer nas organizações de trabalho (empresas), embora em muitos momentos vá além. Há, por exemplo, um capítulo falacioso (Cap. 8) dedicado ao fazer na sala de aula. É falacioso, pois nesse capítulo, de cerca de 600 citações bibliográficas utilizadas, há aproximadamente oito referências a estudos empíricos do *Journal of Applied Behavior Analysis*. Tais referências selecionam o que é favorável às hipóteses do autor, contrárias ao uso de “recompensas” na sala de aula, por gerarem algum tipo de efeito colateral não controlado pelos experimentadores. É importante ressaltar que a maioria dos artigos publicados no *Journal of Applied Behavior Analysis* é de natureza empírica, dada a extensa coleção de artigos publicados desde 1968, a seleção de apenas oito artigos é, no mínimo, de causar estranheza. Outros autores, menos tendenciosos, embora tradicionalmente ligados a outras filosofias que não o behaviorismo, reconhecem o fazer como um operante (Davidoff, 1987/2001), dedicando-lhe um capítulo inteiro, além de mencioná-lo em vários outros capítulos.

Para as pessoas que têm interesse em procedimentos que resultaram em modificações relevantes sobre o fazer, seria interessante que consultassem os trabalhos feitos e acompanhados durante um período de 26 anos do Projeto *Juniper Gardens Children's*<sup>1</sup> (Greenwood et al., 1992). Ele continua a ser executado e pode fornecer um bom exemplo de comportamentos de fazer, analisados de maneira operante, com dezenas de tipos de comportamentos, embora o projeto não seja apenas sobre comportamentos de fazer.

## O Dizer

Em relação ao dizer, a aceitação desses comportamentos como operantes foi muito mais difícil nas áreas tradicionais de linguística (cf. Bandini & de Rose, 2010) e há ainda muita controvérsia em aceitar tais comportamentos como controlados pelas consequências, mesmo que existam evidências<sup>2</sup> demonstrando empiricamente o controle do dizer pela audiência. No entanto, vale ressaltar que inicialmente toda análise skinneriana a respeito do comportamento

<sup>1</sup> Este projeto trata-se de um centro de pesquisa afiliado da Universidade do Kansas que tem sido pioneiro na pesquisa para aprimorar as experiências educacionais e de desenvolvimento infantil. Tem influenciado ao longo dos anos campos como análise do comportamento aplicada e educação especial, demonstrando práticas eficazes que agora são amplamente adotadas (Children's Campus of Kansas City, 2022; KU Life Span Institute, 2022).

<sup>2</sup> Os leitores interessados podem consultar o periódico *The Analysis of Verbal Behavior*. Tal periódico lida exclusivamente com análise do comportamento verbal como um operante.

verbal tenha sido teórica. Ao analisar a relação entre falante e ouvinte, definida como episódio verbal total, Skinner (1957/1978) chama a atenção acerca do controle que o ouvinte exerce sobre o falante.

O dizer faz parte do que foi classificado por Skinner (1957/1978) como comportamento verbal. A definição de comportamento verbal é a seguinte: “comportamento reforçado pela mediação de outras pessoas” (p. 16). É importante salientar que o próprio Skinner (1957/1978) assume que essa definição precisa de maiores esclarecimentos, visto que o comportamento do ouvinte não é necessariamente verbal em nenhum sentido especial. Apesar disso, uma descrição adequada do comportamento verbal necessita envolver os aspectos do comportamento do ouvinte para explicar o comportamento do falante, aspectos esses treinados pela comunidade verbal.

No comportamento de dizer, a ação do falante não é direta sobre o meio ambiente. Desta forma o dizer, como comportamento verbal, só é eficaz pela mediação de outro organismo. Nesse sentido, o comportamento de dizer é tratado, de acordo com a classificação feita por Skinner (1957/1978) como comportamento intraverbal. No episódio verbal total os intraverbais são comportamentos verbais que têm como estimulação estímulos verbais vocais.

No exemplo citado de “ligar a luz”, a produção da luminosidade ou a remoção da escuridão foi mediada pela pessoa que ligou a luz. Nesse caso, a apresentação do reforçador para quem deu a instrução foi “mediada” por um outro organismo. Sem dúvida, o dizer como um tipo de comportamento é multideterminado. O que permite afirmar que o dizer implica em inúmeros efeitos combinados de ecóicos, tatos, mandos, autoclíticos etc. conforme sugerido por Skinner (1978) e Catania (1998/1999).

Talvez a pesquisa básica mais antiga do dizer como um operante tenha sido feita por Greenspoon (1955). O objetivo deste experimento era determinar o efeito de duas operações em duas respostas verbais vocais diferentes. A operação realizada foi apresentar um de dois estímulos, 'mmm-hmm' ou 'huh-uh', após uma das duas respostas, substantivos no plural ou qualquer palavra que não fosse substantivo no plural. Num grupo de controle, nenhum estímulo foi introduzido após as respostas. No grupo experimental, o participante foi instruído a dizer individualmente todas as palavras, excluindo sentenças, frases e números, que conseguisse pensar durante 50 minutos. Um dos estímulos contingentes foi introduzido imediatamente após cada resposta de uma classe pré-determinada durante os primeiros 25 minutos e omitido durante o segundo período de 25 minutos. Os resultados indicaram que 'mmm-hmm' aumentou a frequência de respostas plurais e 'huh-uh' diminuiu a frequência de respostas plurais. Ambos os estímulos tenderam a aumentar a frequência de respostas não plurais. Assim, o estímulo contingente, 'mmm-hmm', teve o mesmo efeito em ambas as respostas. O estímulo 'huh-uh' teve efeitos diferentes nas duas respostas. Este efeito diferencial nas duas respostas sugere que a natureza da resposta é um determinante do caráter reforçador do estímulo. É interessante observar que contingenciar classes de palavras emitidas produziram o mesmo efeito que classes de respostas não verbais. Desta forma, ficou empiricamente demonstrado que, muito provavelmente, o princípio do reforço produzia os mesmos resultados para classes de respostas de fazer e de dizer. Procedimentos de: (1) reforçamento diferencial das aproximações sucessivas (modelagem), (2) retirada do reforçador (extinção), (3) reforçador aplicado independentemente de respostas específicas (esquemas de reforçamento independente da resposta), (4) esquemas de razão ou de tempo (esquemas de reforçamento) e (5) indução de respostas redundariam em mudanças nas taxas de respostas por consequenciação. O controle por estímulos antecedentes, inclusive o controle contextual de respostas de dizer, só posteriormente foi empiricamente demonstrado e que pode ser visto nos consagrados livros textos de Honig (1966) e Honig e Staddon (1977), e do periódico *The Analysis of Verbal Behavior*. Desta forma, classes de respostas não verbais (fazer) e classes de respostas verbais (dizer) são controladas pelo mesmo princípio, ou seja, o princípio do reforço. Assim sendo, o instrumento conceitual denominado de contingência, seja de três termos ou de quatro termos é aplicável a qualquer classe de respostas, às controladas por antecedentes (contexto e estímulo discriminativo) e as controladas por estímulos consequentes (reforçador) ou mesmo por controles duplos (estímulos antecedentes e estímulos consequentes). Vale para todos os três tipos de controles das classes de respostas o mesmo princípio: o do reforço.

Há uma preocupação tanto teórica (Baum, 2017/ 2018; Hayes & Hayes, 1989; Palmer, 1998; Skinner, 1989/1991) como empírica (Catania, 1998/1999<sup>3</sup>; Spradlin, 1985) do papel do ouvinte ou da audiência na aquisição e manutenção do comportamento de dizer. E atualmente a literatura analítico comportamental de orientação behaviorista radical está repleta de estudos que não deixam dúvidas do caráter operante do dizer (Brino & de Rose 2006; Greenspoon, 1995; Medeiros & de Medeiros, 2018; Paniagua & Baer, 1982), isto é, que o dizer pode ser modificado pelas consequências, tanto durante a fase de aquisição quanto de manutenção.

<sup>3</sup> Estamos aqui nos referindo à PARTE IV do livro do referido autor. Os interessados em verificar mais pormenorizadamente a função do ouvinte no episódio verbal poderão encontrar artigos recentes no periódico *The Analysis of Verbal Behavior*.

A despeito das numerosas evidências do dizer analisado com base nas consequências que ele produz, ainda existem livros textos de outras orientações filosóficas, que analisam comportamentos tais como consciência, resolução de problemas, inteligência e mesmo linguagem, sem fazer uma única referência ao comportamento/condicionamento operante, preferindo analisar tais áreas como eventos definidos como cognitivos, de tal forma que a cognição seja considerada em grande parte como um evento de natureza fisiológica, ou seja, localizada no cérebro (Stenberg, 2008).

## O Pensar

Na tentativa de compreensão do comportamento humano, talvez nada nos chame mais atenção do que aqueles comportamentos que nós supostamente inferimos que existam no repertório das outras pessoas, mas que não temos acesso. Entre estes comportamentos estão o que “sentimos”, “percebemos”, “pensamos” e muitos outros. Vamos concentrar nossa atenção no pensar, adotando uma posição behaviorista. Iniciaremos com algumas citações feitas por Skinner sobre o pensamento.

- a) No segundo capítulo do *Questões recentes na análise comportamental*, As origens do pensamento cognitivo, no subtópico sobre o pensar, Skinner (1989/1991) descreve que “pensar é fazer algo que torna possível outro comportamento. Um problema é a situação que não evoca uma resposta efetiva; nós resolvemos mudando a situação até que a resposta ocorra.” (pp. 34-35).
- b) Logo no início de seu capítulo sobre o pensar, Skinner (1974/1982) descreve um exemplo onde “Assistindo a um jogo de xadrez, podemos conjecturar acerca do que estará pensando um jogador, quando faz um lance” (p. 91). Isso ocorre porque em um tabuleiro de xadrez, tal distribuição das peças funciona como estímulo discriminativo para um novo movimento do jogador, mas não sem antes ser precedido pelo comportamento de pensar qual movimento ocorrerá. Sem dúvida, o pensar ocorre antes do movimento, porém, o comportamento de pensar ocorre após o movimento do jogador adversário. Assim, o movimento do adversário é que produz o pensar. Relações temporais de proximidade entre eventos não caracterizam causação mas sim as relações de contingências que o fazem (Rescorla, 1967).
- c) Skinner (1974/1982) discute a relação entre comportamento público e comportamento oculto, argumentando que o comportamento privado é frequentemente uma extensão do comportamento público. Ele afirma: "O comportamento oculto é quase sempre adquirido de forma manifesta e ninguém jamais demonstrou que a forma privada nada proporciona que esteja fora do alcance da manifesta" (p. 92). Isso ressalta a interconexão entre nossos comportamentos observáveis e aqueles que ocorrem internamente.
- d) Skinner (1953/2003), ao explorar a natureza do comportamento verbal e sua peculiaridade em relação ao comportamento público, destaca que:

O comportamento verbal, entretanto, pode ocorrer no âmbito encoberto por não requerer a presença de um ambiente físico particular para sua execução. Além disso, pode continuar eficaz no âmbito encoberto porque o próprio orador também é ouvinte, e seu comportamento verbal pode ter consequências privadas. (p. 288-299)

- e) Skinner (1953/2003) também aborda a natureza dos eventos privados, observando que sua distinção reside principalmente em sua acessibilidade limitada argumentando que: "Pode-se distinguir um evento privado por sua acessibilidade limitada, mas não, pelo que sabemos, por qualquer estrutura ou natureza especiais" (p. 282).

Embora sentenças retiradas do seu contexto particular possam sempre servir aos propósitos de quem as retira, tentaremos ser fiéis aos analistas do comportamento e com estas poucas sentenças expor alguns pontos que parecem relevantes para uma ciência do comportamento humano. O primeiro ponto é que o pensar parece estar correlacionado ao fazer, isto é, mesmo durante a aquisição de repertórios verbais, o fazer e o pensar estão de alguma forma relacionados. Observações feitas por Villiers e de Villiers (1978, citado por Davidoff, 1987/2001) e Lempert e Kinsbourne (1985, citado por Davidoff, 1987/2001) podem ilustrar o ponto de vista relacional entre fazer, dizer e pensar:

O balbúcio surge no momento em que o bebê está começando a usar a voz para transmitir seus desejos. As primeiras tentativas de comunicar desejos geralmente envolvem *olhar para o objeto desejado e chorar ou balbuciar e talvez gesticular (acenando, esticando o braço e apontando)*. (p. 267, grifos nossos)

Não é pouco comum encontrarmos na literatura de Psicologia do Desenvolvimento que tanto crianças como adultos interagem com relativa frequência com os objetos do meio ambiente antes de aprender a tateá-los (Bijou & Baer, 1980; Burns & Staats, 1991; Carrol & Hesse, 1987; Mills & Melhuish, 1974; Staats & Staats, 1966/1973). Estudos baseados em outras epistemologias, tal como o construtivismo, concordam com tal afirmativa. De acordo com Baldwin (1967/1973), Lewis e Wolkmar (1993), que apontam os Estágios 1 (de 0 a 1 mês de idade) e Estágio 2 (de 1 a 4 meses de idade) como precorrentes do comportamento que dão origem à fala, o fazer antecede, de forma sutil às vocalizações, chamadas pelos behavioristas radicais de operantes.

Embora os estudos citados sejam grandemente baseados em observações, estes estudos devem ser olhados com cautela, pois não são estudos que utilizam de *manipulações das variáveis independentes*, das quais os resultados são inferidos. Dito de outra forma, não são estudos experimentais, embora sejam estudos empíricos. Mesmo o tato de eventos privados depende de interações entre comportamento e ambiente, isto é, do “sentir”, “perceber”, “olhar” e até o “ver na ausência da coisa vista” (Kritch & Bostow, 1993) que o aprendiz tem com o objeto (Catania, 1998/1999). Também tem sido demonstrado que mesmo o tatear de propriedades abstratas de certos estímulos somente ocorrem após as crianças manipularem apropriadamente os objetos do meio ambiente (Twyman, 1996). Uma ressalva a este estudo é que as crianças que participaram da pesquisa tinham deficiências de aprendizagem, porém, já com algum repertório verbal.

Portanto, as evidências indicam que o fazer está no mínimo correlacionado com o dizer. Algumas questões testáveis passariam a ser formuladas das seguintes formas: 1) Quais variáveis seriam as responsáveis pela reorganização da magnitude do comportamento de dizer e que o controlariam a nível privado? 2) De que forma o dizer poderia se tornar um comportamento privado?

Essas questões nos remeteriam a alguns pontos importantes, e que poderiam começar a ser respondidos da seguinte forma:

- 1) A aquisição dos comportamentos privados (pensar) é feita de forma manifesta (sentença b, citada no início deste tópico), feita por Skinner (1974/1982). Ou seja, a origem dos comportamentos verbais privados é pública.
- 2) A ocorrência de comportamentos privados (entre eles o pensar) pode ser devido à falta de um ambiente físico específico para a sua emissão (sentença c, citada no início deste tópico, feita por Skinner, 1953/2003).
- 3) A ocorrência de comportamentos privados pode ser porque o ouvinte e o falante, no episódio verbal, são a mesma pessoa e compartilham das mesmas consequências (sentença c, citada no início deste tópico, feita por Skinner, 1953/2003). Portanto, essas consequências também são mediadas pela mesma pessoa. Quando alguém conversa consigo mesmo, seja de forma pública ou privada, essa pessoa acaba sendo um ouvinte excepcional. Por quê? Porque ela fala a mesma língua, falante e o ouvinte estão inseridos na mesma comunidade verbal, têm a mesma experiência verbal e não-verbal e está sujeita às mesmas condições externas, como privações e estímulos aversivos. A capacidade de responder quase instantaneamente ao que é dito, sem atraso, permite que esse comportamento de “falar consigo mesmo” adquira nuances mais complexas e sutis (Skinner, 1957/1978).
- 4) Comportamentos verbais privados podem ocorrer porque não têm ação efetiva sobre o meio ambiente como no caso em que ficamos calados pois ninguém, além de nós mesmos, nos dará ouvidos (sentença a, citada no início desse tópico, feita por Skinner, 1989/1991).
- 5) Comportamentos verbais privados podem ser sistematicamente punidos pela audiência, como no caso em que, em certos tipos de técnicas terapêuticas – como nas técnicas de Parada de Pensamento – as pessoas são treinadas a pensarem sobre certas propriedades dos estímulos e então punidas (cf. Wolpe, 1973/1976), ou ainda, os ouvintes não apresentarem repertório verbal contínuo como o do falante e, portanto, os verbais públicos deixam de ocorrer, já que repertórios discretos têm maior probabilidade de serem punidos (Spradlin, 1985). É possível então, que ocorram privadamente.
- 6) Comportamentos verbais privados podem ocorrer para nos livrar de situações embaraçosas (como quando deixamos de dizer, mas não de pensar), isto é, falar em nível privado (pensar) poderia também ser reforçado negativamente.

A lista de 1 a 6 poderia ser consideravelmente estendida. Alguns críticos do Behaviorismo Radical (cf. Oliveira-Castro, 2000) argumentariam que tal lista de eventos privados, ou outra lista qualquer feita com base nos mesmos princípios, está baseada na forma positiva de formulação conceitual, ou seja, como se tais eventos estivessem ocorrendo. Na verdade, seria mais apropriada uma interpretação negativa ou função negativa, que estabelece o local onde tais eventos, no caso os eventos privados, não estão ocorrendo. Isso evitaria inúmeras dificuldades teóricas e seria empiricamente parcimoniosa. Não vemos qualquer problema, em uma formulação conceitual positiva, desde que as propostas empíricas para a resolução dos problemas propostos possam ser demonstráveis. Dessa forma não teríamos problemas de falta de critérios para inferir os eventos privados e muito menos adesão a teorias aditivas para resolver a questão dos comportamentos privados de forma genérica. Sendo assim, todas as proposições, ou seja, a lista de 1 a 6 deve ser empiricamente testadas. Para a solução empírica de um problema podemos iniciar conceituando, para delimitação, o que desejamos estudar. Dessa forma, a questão dos comportamentos privados, como o comportamento de pensar, pode começar com o estudo das formas de acessibilidade e não de buscas de naturezas

especiais diferentes daquelas ao se estudarem os comportamentos públicos conforme apontou Skinner (1953/2003), acima apontado na sentença c deste tópico, Matos (1997) e Tourinho (1997).

Algumas perguntas que requerem respostas muito práticas são as seguintes: (a) Quais tipos de exposição a problemas poderiam gerar regras que permanecessem privadas?; (b) Como fazer para que tais regras privadas permaneçam como comportamentos privados ou possam se tornar públicas?

Na literatura analítico comportamental, regras são definidas como estímulos discriminativos verbais que descrevem relações de contingência, especificando estímulos discriminativos, respostas e consequências verbais e não verbais (Albuquerque, 2001; Baron, & Galizio, 1983; Baum, 2017/2018; Blakely & Schlinger, 1987; Catania, 1989; Cerutti, 1989; Galizio, 1979; Glenn, 1987, 1989; Joyce, & Chase, 1990; Paracampo & de Albuquerque, 2005; Simonassi, 1999). Simonassi et al. (2001) conduziram um experimento que proporcionou um exemplo empírico sobre privacidade e acessibilidade do comportamento de formular regras, especificamente um tipo de pensar, que é a formulação de regras privadas. No experimento os participantes foram submetidos a um programa que exibia estímulos numéricos e alfabéticos em duas telas. Na primeira tela, havia três estímulos semelhantes a cartas, com respostas diferentes produzindo letras ou números sobrepostos. A tarefa do participante consistia em tocar com o dedo a carta superior, após o toque surgia sobreposta à carta um estímulo (uma letra ou um número) e na presença desse estímulo o participante deveria tocar uma das cartas abaixo. A resposta em uma das duas cartas produzia o mesmo estímulo da carta superior, um som de bip e a palavra CERTO entre as cartas inferiores, ou apenas a palavra ERRADO. As respostas direcionavam para a segunda tela, onde os participantes eram instruídos a tocar em “SIM” ou “NÃO” em resposta a uma instrução específica. Os participantes foram divididos em quatro grupos com variações nos estímulos e no momento em que deveriam descrever as contingências. Os grupos foram designados como “Simples” ou “Complexos” com base nos estímulos utilizados. Alguns grupos foram solicitados a relatar suas ações após cada resposta “SIM”, enquanto outros só precisavam fazê-lo após a 40ª tentativa. As contingências para os grupos eram diferentes, com respostas corretas produzindo feedback positivo. Se acertassem “SIM” dez vezes, uma nova etapa começava com quatro listas de palavras.

Após um determinado número consecutivos de respostas dadas à palavra SIM, o relato que os participantes faziam podia ser comparado ao seu fazer relativo à solução do problema, após um determinado número de tentativas em que se inferia por quantas tentativas o comportamento verbal, que era uma regra formulada, permanecia privado. A inferência foi baseada em um grupo de controle onde foram dadas oportunidades de relato a cada tentativa e, portanto, com a possibilidade de comparações ponto a ponto entre o fazer e o dizer manifesto. Os resultados indicaram que as regras permaneceram privadas por um determinado número X de tentativas para cada participante. Um dos problemas com o experimento relatado é que as comparações feitas foram entre participantes de grupos, isto é, baseadas em participantes cujo delineamento experimental não foi de sujeito de caso único, medido n vezes. Tal procedimento poderia gerar críticas relativas às histórias prévias de cada participante. Para solucionar este problema, Simonassi et al. (2000)<sup>4</sup> conduziram um outro experimento, também com adultos humanos e com o mesmo tipo de problema a ser solucionado. No novo procedimento, após responderem com um determinado número de respostas consecutivas ao SIM apostado na tela sensível, os participantes entravam em outra condição em que havia uma lista de conjunto de símbolos arbitrariamente dispostos na tela de tal forma que um dos conjuntos de símbolos era equivalente à formulação da regra. O critério para considerar que a regra poderia ser emitida era o acerto por quatro tentativas consecutivas do conjunto arbitrário de símbolos. Quando isso ocorria, pedia-se o relato dos participantes por escrito. A inferência de regras privadas foi feita a partir do critério de dez respostas consecutivas ao SIM e mais os acertos das listas de símbolos arbitrários. Dessa forma, garantiu-se um delineamento em que foi possível comparar o participante com ele mesmo, em momentos diferentes, evitando-se as críticas feitas com base em participantes por grupos e histórias prévias diferentes. Os resultados confirmaram os estudos anteriormente feitos por Simonassi et al. (2001).

Não parece haver dúvidas que os comportamentos de fazer, dizer e pensar são controlados pelas consequências. Mas um operante tem como um de seus instrumentos analíticos, a contingência de três termos, composta pelos “antecedentes, respostas e consequentes”. Toda análise precedente foi feita relacionando o fazer, o dizer e o pensar com os consequentes. A literatura operante está repleta de estudos e experimentos que evidenciam o

<sup>4</sup> O estudo realizado por Simonassi et al. (2001) foi submetido em abril de 2000, o artigo passou por um processo de revisão até maio do mesmo ano, sendo finalmente aceito em junho de 2000 e, por conseguinte, publicado em 2001. Dessa forma, embora o trabalho de Simonassi et al. (2001) tenha sido publicado depois do estudo de Simonassi et al. (2000), é importante ressaltar que este último foi realizado posteriormente.

controle feito pelos estímulos antecedentes. Para apenas ilustrar, o leitor interessado poderá consultar quatro livros-textos básicos usados pelos analistas do comportamento. São eles: 1) *Operant Behavior: Areas of Research and Application*, organizado por Honig (1966); 2) *Handbook of Operant Behavior*, organizado por Honig e Staddon (1977); 3) *The Experimental Analysis of Behavior: A biological perspective*, escrito por Fantino e Logan (1979); e 4) *Aprendizagem: Comportamento, Linguagem e Cognição*, escrito por Catania (1998/1999). No entanto, para que a questão dos antecedentes não passe em branco, vamos ilustrar o controle feito pelos estímulos antecedentes comumente feito com alunos de graduação em sala de aula nos cursos introdutórios de Psicologia. Porém, antes de ilustrar o que pretendemos, podemos recordar que um dos motivos pelos quais o pensar foi por muito tempo dito ser “um eu iniciador”, reside no fato de que os cognitivistas partiram do pressuposto de que a mente era o agente iniciador dos comportamentos observáveis (confira especialmente o Capítulo 3 de Skinner, 1989/1991, intitulado “O eu iniciador”). Voltemos agora à ilustração do controle pelos estímulos do comportamento de pensar. Leia cada uma das afirmativas abaixo e, após a leitura da última delas, espere passar 30 segundos e então escreva em uma folha de papel, o que lhe ocorrer, correlacionado às afirmativas que você acabou de ler.

- 1) Apresenta forma arredondada.
- 2) É encontrado nos supermercados.
- 3) Fica localizado na seção de alimentos.
- 4) Sua origem mais comum é a de granjas.
- 5) É um alimento consumido de forma cozida ou frita.

Agora espere passar os trinta segundos que lhe solicitamos, e escreva no espaço em branco pontilhado a seguir o nome do objeto que as afirmativas podem ter levado você a pensar (.....). Acho que, nesse momento (nós estamos escrevendo este artigo durante o mês de fevereiro de 2022, muito tempo antes de você escrever a palavra que você escreveu), podemos prever o que você escreveu e o que você pensou a partir das afirmativas 4 e 5 durante os 30 segundos que você ficou esperando. Creio que você não ficará espantado se dissermos para você que a palavra ovo foi escrita no espaço acima. Também não creio que você ficará espantado se dissermos que previmos o seu comportamento de pensar, tenha você pensado na palavra ovo ou no objeto ovo.

O ponto importante do parágrafo acima é que o seu comportamento de pensar pode ser *previsível*, da mesma forma que os comportamentos manifestos, e a previsão é um dos objetivos da ciência. A previsão feita do pensar na palavra ovo ou no objeto ovo, foi baseada no controle exercido pelos estímulos verbais textuais, ou seja, pelas cinco afirmativas feitas sobre propriedades do objeto em questão. Tais propriedades estimuladoras (texto e afirmativas), são estímulos antecedentes que controlaram o seu pensar (uma resposta ou comportamento). Não é difícil imaginar possíveis consequências, pois há inúmeras, no episódio relatado. Uma delas seria a palavra ovo escrita no espaço pontilhado. Dessa forma fica completa a contingência de três termos relativa ao pensar. Assim sendo, é possível analisar com a contingência de três termos, que é um instrumento conceitual-analítico, um dos tipos mais complexos do comportamento humano, que é o pensar.

### **Fazer, Dizer e Pensar: Operantes Inter-relacionados**

As relações entre os comportamentos de fazer e dizer e dizer e fazer já têm sido há muito estudadas e uma grande quantidade de variáveis têm sido apontadas como responsáveis pelas ocorrências dessas duas classes de respostas. Entre as várias relações encontradas, é possível citar algumas:

- a) Não existe correspondência direta entre fazer e dizer e dizer e fazer, a não ser em condições específicas em que o reforçador está correlacionado com a correspondência entre os dois operantes (Amorim, 2001; Paniagua & Baer, 1982).
- b) Não há correspondência entre respostas verbais e não verbais, isto é, quando há ausência de reforçadores a relação verbal/não verbal não se estabelece como produto do ensino de uma classe operante em relação a outra (cf. Ribeiro, 1989).
- c) Resultados de controle de respostas verbais sobre respostas não verbais são específicos das contingências diretamente programadas. Desse modo, é possível treinar correspondência/não correspondência entre as duas classes de respostas, isto é, fazer e dizer, reforçando-se diretamente tais relações de correspondência e não correspondência (cf. Amorim, 2001; Paniagua & Baer, 1982; Torgrud & Holborn, 1990).
- d) Foi possível estabelecer correspondência entre dizer (uso de regras) e fazer, reforçando-se diretamente a relação entre regras (mandos) e o fazer correspondente ao mando (cf. Deacon & Konarski, 1987), é importante destacar que o estudo demonstrou que o resultado foi o mesmo quando se reforçou apenas o fazer em um determinado exercício, comparado a quando se reforçou a relação entre dizer e fazer. Portanto, reforçar

diretamente o fazer produziu o mesmo resultado que a combinação entre dizer-fazer. Apesar dessa relação, também foi observado que o procedimento de reforçar apenas o fazer produziu o mesmo resultado que o reforço da correspondência entre dizer-fazer. No experimento de Okouchi (1999), os participantes foram treinados de tal modo que os levou a responder de forma distinta com base nas regras a que foram submetidos. No contexto da tarefa de tocar um círculo, com opções de respostas rápidas ou lentas, os participantes foram expostos a duas regras distintas. Uma dessas regras indicava que deveriam responder rapidamente enquanto estavam expostos a um esquema de reforço diferencial com baixas taxas de frequência, enquanto a outra regra que indicava um padrão de resposta lenta durante o período que estavam submetidos a um esquema de razão fixa. Regras (mandos) foram estabelecidas como estímulos discriminativos controlando o fazer, de tal forma que as relações entre o fazer e dizer foram arbitrariamente estabelecidas. Mais especificamente, o autor verificou que instruções (dizer) controlavam taxas de respostas, dependentemente de como as velocidades de respostas eram instruídas e reforçadas – instruções para velocidades lentas controlavam o fazer rápido e vice-versa, de acordo com as relações resposta-reforçador que foram programadas

- e) As classes de respostas analisadas nos estudos de correspondência (fazer/dizer e dizer/fazer) são sensíveis às consequências diretas a elas programadas (cf. Critchfield, 1996; Sanabio, 2000).

Os resultados de (a) até (e) acima indicados mostram que os estudos de correspondência entre o fazer/dizer e dizer/fazer devem ser analisados como área de estudo que permite integrações de classes de estímulos e classes de respostas. Há, pelo menos dois estudos, realizados em nosso laboratório<sup>5</sup>, estudos estes empíricos, que suportam que o dizer pode ser estudado como comportamento verbal privado, e que sua privacidade pode continuar ou se tornar pública, dependendo da forma como as contingências são arranjadas (Simonassi et al., 2000; Simonassi, et al., 2001). Sendo assim, pode ser que estes comportamentos privados possam ser conceituados como uma das possíveis formas do que é chamado de pensamento e desta forma serem empiricamente estudados. A relevância dos estudos de eventos privados pelos analistas do comportamento foi sistematicamente enfatizada por Skinner em vários de seus escritos (Skinner, 1953/2003, 1957/1978, 1974/1982, 1989). Essa questão foi destacada pela revisão teórica e conceitual de Anderson et al. (2000), mostrando a importância da compreensão de tais comportamentos para que se possa fazer uma análise completa do comportamento humano, principalmente relacionado a análise do comportamento aplicada, no que diz respeito à aplicação na clínica (Moore, 2000; Wilson & Hayes, 2000).

### Conclusão

O presente artigo aponta para a possibilidade dos estudos do fazer, dizer e pensar serem feitos como operantes inter-relacionados, visto que uma forma do que pode vir a ser conceituado como pensar pode ser empiricamente estudado como eventos privados verbais. Tais estudos de eventos privados verbais como mandos, poderão ser estudados empiricamente como são feitos os estudos de mandos, na análise do comportamento verbal explícito, levando-se em consideração a possibilidade de análise empírica do fazer, do dizer e do pensar como operantes verbais integrados. A integração pode ser feita com base nas variáveis controladoras, que foram demonstradas serem tão acessíveis quanto as variáveis que controlam comportamentos publicamente observáveis, uma vez observada que a dicotomia público e privado é uma questão de acessibilidade.

### Questões de Estudo

1 - Escreva a contingência de três termos na forma de um operante discriminado dos seguintes operantes:

1.1- De fazer

1.2- De dizer

1.3- Do pensar

2 - O Operante de Pensar é um comportamento que ocorre de forma privada e jamais é o início de uma cadeia comportamental. Será que você seria capaz de redigir (pode ser um exemplo) um encadeamento onde exista pelo menos um elo comportamental do operante de fazer, de dizer e de pensar?

3 - Qual é a origem do comportamento de Pensar?

---

<sup>5</sup> Laboratório de Análise Experimental do Comportamento (LAEC) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás).

4 - Diferencie contiguidade de contingência e aponte por que muitas vezes o comportamento de pensar é considerado, como Skinner aponta, um "agente iniciador". Por que isto ocorre?

5 - Quando se diz que o fazer, o dizer e o pensar são classes de operantes inter relacionados, pode-se escrever contingências entrelaçadas. Seria interessante se você conseguisse entrelaçar contingências das três classes estudadas no presente artigo. Mais interessante ainda se o entrelaçamento das três classes for de um exemplo do cotidiano.

6 - Este texto (um resumo bastante significativo) foi apresentado em uma mesa redonda no II Congresso Norte e Nordeste de Psicologia. A solicitação inicial sugerida foi que o título do artigo fosse "Dizer e Fazer". O primeiro autor informou que aceitaria se o título fosse trocado para "Fazer e Dizer". Só posteriormente foi acrescentado da classe de operantes de Pensar. Por que a aceitação da apresentação foi condicionada para a mudança de ORDEM, isto é, para FAZER-DIZER?

7 - Tente conceituar o operante discriminado, levando em consideração a contingência de quatro termos, isto é, incluindo o contexto. Caso você tenha dificuldade, consulte o artigo de Todorov (2012). A Evolução do Conceito de Operante.

8 - Segundo Skinner (1957/1978), o fazer pode ser considerado o início dos comportamentos de dizer. Por exemplo, no desenvolvimento do comportamento verbal uma criança aponta para um objeto que está fora do seu alcance como falante, indicando ao possível ouvinte que está próximo que mediará a consequência da resposta de apontar. Qual o comportamento de dizer no desenvolvimento de uma criança que substitui o apontar? Exemplifique.

9 - Marque a resposta correta. "O comportamento de dizer é reforçado pelo":

(a) Falante

(b) Ouvinte

(c) Comunidade Verbal

(d) As alternativas (a) e (c) estão corretas

10 - Em quais dessas áreas o comportamento verbal privado ocorre com mais frequência:

(a) Resolução de problemas

(b) Modelagem de comportamento novo

(c) Ambas alternativas estão corretas

(d) Nenhuma das alternativas

### **Declaração de conflito de interesses**

Os autores declaram que não há conflito de interesses relativos à publicação deste artigo.

### **Contribuição de cada autor**

A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue: L. E. Simonassi contribuiu para a concepção do artigo e idealização da temática; A. S. Ferreira foi responsável por fazer edições ortográficas e redação final; J. C. Abdala-Filho foi responsável pela formulação metodológica e redação final e R. V. Oliveira responsável pela redação final.

### **Direitos Autorais**

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons 4.0 BY-NC.



### **Referências**

- Albuquerque, L. C. D., & Ferreira, K. V. D. (2001). Efeitos de regras com diferentes extensões sobre o comportamento humano. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 143-155. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000100012>
- Amorim, C. F. R. (2001). *O que se diz e o que se faz: Um estudo sobre interações entre comportamento verbal e comportamento não verbal* [Dissertação de mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do comportamento, PUC-SP]. Repositório PUC-SP. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/16644>
- Anderson, C. M., Hawkins, R. P., Freeman, K. A., & Scotti, J. R. (2000). Private events: Do they belong in a science of human behavior?. *The Behavior Analyst*, 23, 1-10. <https://doi.org/10.1007/BF03391995>
- Baldwin, A. L. (1973). *Teorias do Desenvolvimento da Criança* (D. M. Leite, Trad.). Livraria Pioneira Editora. (Original publicado em 1967)

- Baum, W. M. (2018). *Compreender o Behaviorismo – 3.ed.: Comportamento, Cultura e Evolução* (F.A. Cassas & D. Bueno, Trad.). Artmed Editora. (Obra original publicada em 2017)
- Bandini, C. S. M., & de Rose, J. C. (2010). Chomsky e Skinner e a polêmica sobre a geratividade da linguagem. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 12(1-2), 20-42. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v12i1/2.414>
- Baron, A., & Galizio, M. (1983). Instructional control of human operant behavior. *The Psychological Record*, 33(4), 495-520.
- Bijou, S. W., & Baer, D. M. (1980). *O desenvolvimento da criança: uma análise comportamental* (R. R. Kerbauy, Trad.). EPU.
- Blakely, E., & Schlinger, H. (1987). Rules: Function-altering contingency-specifying stimuli. *The Behavior Analyst*, 10(2), 183-187. <https://doi.org/10.1007/BF03392428>
- Brino, A. L. F., & de Rose, J. C. (2006). Correspondência entre auto-relatos e desempenhos acadêmicos antecedentes em crianças com história de fracasso escolar. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 2(1), 67-77. <https://doi.org/10.18542/rebac.v2i1.803>
- Burns, G.L., & Staats, A.W. (1991). Rule-governed behavior: Unifying radical and paradigmatic behaviorism. *The Analysis of Verbal Behavior*, 9, 127-143. <https://doi.org/10.1007/BF03392867>
- Carrol, R. J., & Hesse, B.E. (1987). The effects of alternating mand and tact training on the acquisition of tacts. *The Analysis of Verbal Behavior*, 5, 55-65. <https://doi.org/10.1007/BF03392820>
- Catania, A. C. (1989). Rules as classes of verbal behavior: A reply to Glenn. *The Analysis of Verbal Behavior*, 7, 49-50. <https://doi.org/10.1007/BF03392835>
- Catania, C. A. (1999). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição* (A. Schmidt, D. G. Souza, F. C. Capovilla, J. C. C. de Rose, M. J. D. Reis, A. A. Costa, L. M. C. M. Machado & A. Gadotti, Trads., 4ª ed.). Artmed. (Obra original publicada em 1998)
- Cerutti, D.T. (1989). Discrimination theory of rule-governed behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 51(2), 259-276. <https://doi.org/10.1901/jeab.1989.51-259>
- Children's Campus of Kansas City (2022, August 30). *Juniper gardens children's project*. <https://childrenscampusofkansascity.org/juniper-gardens-childrens-project/>
- Critchfiel, T. S. (1996). Differential latency and selective nondisclosure in verbal self reports. *The Analysis of Verbal Behavior*, 13, 49-63. <https://doi.org/10.1007/BF03392906>
- Cunha, M. B. (2012). *Resolução de problemas e formulação de regras: Complexidade da tarefa e análise de comportamentos verbais*. [Dissertação, Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, PUC-Goiás], Repositório PUC-Goiás. <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/1898>
- Davidoff, L. L. (2001). *Introdução à psicologia* (L. Peres, Trad., 3ª ed.). Makron Books. (Original publicado em 1987)
- Deacon, J. R., & Konarski, E. A. (1987). Correspondence training: An example of rule-governed behavior?. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 20(4), 391-400. <https://doi.org/10.1901/jaba.1987.20-391>
- Fantino, E. J., & Logan, C. A. (1979). *The Experimental Analysis of Behavior: A biological perspective*. W H Freeman & Company.
- Galizio, M. (1979). Contingency-shaped and rule-governed behavior: Instructional control of human loss avoidance. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 31(1), 53-70. <https://doi.org/10.1901/jeab.1979.31-53>
- Glenn, S. S. (1987). Rules as environmental events. *The Analysis of Verbal Behavior*, 5, 29-32. <https://doi.org/10.1007/BF03392817>
- Glenn, S. S. (1989). On rules and rule-governed behavior: A reply to Catania's reply. *The Analysis of Verbal Behavior*, 7, 51-52. <https://doi.org/10.1007/BF03392836>
- Greenspoon, J. (1955). The reinforcing effect of two spoken sounds on the frequency of two response. *American Journal of Psychology*, 68(3), 409-416. <https://doi.org/10.2307/1418524>
- Greenwood, C. R., Carta, J. J., Hart, B., Kamps, D., Terry, B., Arreaga-Mayer, C., Atwater, J., Walker, D., Risley, T., & Delquadri, J. C. (1992). Out of the laboratory and into the community: 26 years of applied behavior analysis at the Juniper Gardens Children's Project. *American Psychologist*, 47(11), 1464-1474. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.47.11.1464>
- Hayes, S. C., & Hayes, L.L.(1989). The verbal action of the listener as a basis for rule-governance. In S. C. Hayes (Ed.), *Rule-Governed Behavior: cognition, contingencies, and instructional control*. (pp. 153-188). Plenum Press. [https://doi.org/10.1007/978-1-4757-0447-1\\_5](https://doi.org/10.1007/978-1-4757-0447-1_5)
- Honig, W. K. (1966). *Operant behavior: Areas of research and application*. Prentice Hall.
- Honig, W. K., & Staddon, J. E. R. (1977). *Handbook of operant behavior*. Prentice Hall.

- Joyce, J. H., & Chase, P. N. (1990). Effects of response variability on the sensitivity of rule-governed behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, *54*(3), 251-262. <https://doi.org/10.1901/jeab.1990.54-251>
- Kohn, A. (1998). *Punidos pelas recompensas: Os problemas acusados por prêmios de produtividade, planos de incentivos, remuneração variável, elogios, participação nos lucros e outras formas de suborno* (C. W. Bergamini & M. H. C. F. Steiner, Trans.). Atlas. (Original publicado em 1992)
- Kritch, K. M., & Bostow, D. E. (1993). Verbal responses to past events: intraverbal relations, or tacts to private events?. *The Analysis of Verbal Behavior*, *11*, 1-7. <https://doi.org/10.1007/BF03392882>
- KU Life Span Institute (2022, August 30). *Juniper gardens children's project*. <https://juniper.ku.edu/our-history>
- Lewis, M., & Wolkmar, F. (1993). *Adolescência: aspectos clínicos do desenvolvimento na infância e adolescência*. Artes Médicas.
- Luna, S. V., & Marinotti, M. (2010). Ensino da resolução de problemas: questões conceituais e metodológicas. In E. Z. Tourinho & S. V. Luna (orgs.) *Análise do Comportamento: Investigações históricas, conceituais e aplicadas* (pp. 193-217). Editora Roca.
- Matos, M. A. (1995). Behaviorismo metodológico e behaviorismo radical. In B. Rangé (org), *Psicoterapia comportamental e cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas*, (pp. 27-34). Editorial Psy.
- Medeiros, N. N. F. A., & de Medeiros, C. A. (2018). Correspondência verbal na Terapia Analítica Comportamental: Contribuições da pesquisa básica. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental e Cognitiva*, *20*(1), 40-57. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v20i1.1136>
- Millenson, J. R. (1975). *Princípios de análise do comportamento*. Coordenada. (Original publicado em 1967).
- Mills, M., & Melhuish, E. (1974). Recognition of mother's voice in early infancy. *Nature*, *252*(5479), 123-124. <https://doi.org/10.1038/252123a0>
- Moore, J. (2000). Thinking about thinking and feeling about feeling. *The Behavior Analyst*, *23*, 45-56. <https://doi.org/10.1007/BF03391998>
- Okouchi, H. (1999). Instructions as Discriminative Stimuli. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, *72*(2), 205-214. <https://doi.org/10.1901/jeab.1999.72-205>
- Oliveira-Castro, J. M. (2000). The negative function of “doing in the head” and behavioristic interpretations of private events. *Revista Mexicana de Analisis de la Conducta*, *26*(1), 1-25.
- Palmer, D. C. (1998). The speaker as a listener: An interpretation of structural regularities in verbal verbal behavior. *The Analysis of Verbal Behavior*, *15*, 3-16. <https://doi.org/10.1007/BF03392920>
- Paniagua, F. A., & Baer, D. M. (1982). The analysis of correspondence training as a chain reinforceable at any point. *Child Development*, *53*(3), 786-798. <https://doi.org/10.2307/1129393>
- Paracampo, C. C. P., & de Albuquerque, L. C. (2005). Comportamento controlado por regras: revisão crítica de proposições conceituais e resultados experimentais. *Interação em Psicologia*, *9*(2), 227-237. <https://doi.org/10.5380/psi.v9i2.4798>
- Rescorla, R. A. (1967). Pavlovian conditioning and its proper control procedures. *Psychological Review*, *74*(1), 71-80. <https://doi.org/10.1037/h0024109>
- Ribeiro, A. F. (1989). Correspondence in children's self report: tacting and manding aspects. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, *51*(3), 361-367. <https://doi.org/10.1901/jeab.1989.51-361>
- Sanábio, E. T. (2000). *Punição de relato verbal: Uma contribuição para a análise do comportamento verbal* [Tese de doutoramento não-publicada]. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília.
- Simonassi, L. E. (1999). Cognição: contato com contingências e regras. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, *1*(1), 83-93.
- Simonassi, L. E., de Menezes, M. A. C., Elias, P. V. O., & Amorosino (2000, 26 de outubro). Privacidade e formulação de regras [Apresentação de painel]. XXX Reunião Anual de Psicologia, Brasília. <https://www.sbponline.org.br/arquivos/2000.PDF>
- Simonassi, L. E., Tourinho, E. Z., & Silva, A. V. (2001). Comportamento privado: Acessibilidade e relação com comportamento público. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *14*(1), 133-142. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000100011>
- Skinner, B. F. (1978). *O comportamento verbal* (M. P. Villalobos, Trad.). Cultrix -EDUSP. (Originalmente publicado em 1957)
- Skinner, B. F. (1982). *Sobre o behaviorismo*. Cultrix. (Original publicado em 1974).
- Skinner, B. F. (1989). The behavior of the listener. Em S. C. Hayes (Ed), *Rule-Governed Behavior: cognition, contingencies, and instructional control*. (pp. 85-96). Plenum Press.

- Skinner, B. F. (1991). *Questões recentes na análise comportamental*. (A. L. Neri, Trad.). Papyrus. (Original publicado em 1989).
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e Comportamento Humano* (J.C. Todorov e R. Azzi, Trad.). Editora da Universidade de Brasília. (Original publicado em 1953).
- Spradlin, J. (1985). Studying the effects of the audience on verbal behavior. *The Analysis of Verbal Behavior*, 3, 5-9. <https://doi.org/10.1007/BF03392803>
- Staats, A. W., & Staats, C. K. (1973). *Comportamento humano complexo*. (C. M. Bori, Trad.). E. P. U. (Original publicado em 1966).
- Stenberg, R. J. (2008). *Psicologia cognitiva* (Costa, R. C. Trad.). Artmed.
- Torgrud, L. J., & Holborn, S. (1990). The effects of verbal performances descriptions on non-verbal operant responding. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 54(3), 273-291. <https://doi.org/10.1901/jeab.1990.54-273>
- Tourinho, E. Z. (1997). Eventos privados em uma ciência do comportamento. In R.A. Banaco (Ed) *Sobre Comportamento e Cognição* (pp. 174-187). Arbytes.
- Twynman, J. S. (1996). The functional independence of impure mands and tacts of abstract stimulus properties. *The Analysis of Verbal Behavior*, 13, 1-19. <https://doi.org/10.1007/BF03392903>
- Wilson, K. G., & Hayes, S. C. (2000). Why it is crucial to understand thinking and feeling: An analysis and application to drug abuse. *The Behavior Analyst*, 23, 25-43. <https://doi.org/10.1007/BF03391997>
- Wolpe, J. S. (1976). *A prática da terapia comportamental*. Brasiliense. (Original publicado em 1973)

---

Submetido em: 28/03/2023

Aceito em: 03/10/2023